



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	-7. JAN. 1980
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

Gaita de beiços

— Chça! Foi uma boa vitória! — exclamou o Carlinhos, abrindo mais uma garrafa de «Raposeira». — o País estava farto da inépcia e cansado da demagogia. Agora, é arregaçar as mangas e trabalhar.

— Domingo, teremos outras eleições. Não dá nem para o descanso. Será que a «Aliança Democrática» vai repetir a dose? — perguntou o Marquês de Melres.

— Prepara o cabrito e o arroz de forno — respondeu-lhe o moço bonito de Rebordelo, com a confiança de vencedor.

— Olha que não é tanto assim — temperou-lhe o optimismo o doce Paulino. — Afinal de contas ainda existe muito complexo de esquerda no País. Alguns portugueses, conheço-os eu, só porque votaram no P.S. em 1976, sentem-se na obrigação de fazê-lo de novo.

— Pensam que mudar em política é como trocar de camisa do clube — acrescentou o nosso Amadeu. — E acham feio votar noutro partido. Uma vez feirense, sempre feirense, até de baixo de água...

— Existem gajos piores: são os que chucham nas tetas e largam o bico — aparteou o António, com ironia.

— Acrescente-se a esses os puros de convicção, que também os há, e temos aí grandes segmentos de sociedade que, mesmo depois das espantosas passadas, ainda nos vêm em ver, nas alucinações, S. Sebastião a sair a cavalo do Largo do Rato. E, na verdade, trata-se do sr. Mário Soares, que, a mastigar tremoços, deixa, ao cair da noite, a sede do partido. Em todo o episódio das eleições, o que mais me entristeceu foi o comportamento de D. Lurdes Pintasilgo — criticou o Rochinha. — Não soube manter o Governo equidistante da campanha. Saltitante e palradeira, a ilustre dama correu serras e baixios a fazer a apologia das esquerdas. Prometeu mundos e fundos, sem dar-se conta que o consulado de 100 dias não alcançaria sequer a capacidade do Código Civil.

— O pior de tudo é que as populações não lhe ligavam nenhuma. Nem a consideravam como a sra. Primeiro-Ministro. Quando muito, recebiam-na com gaita de beiços!

— Aí está um Governo que não vingou, nem medrou.

— E ainda bem — anuiu o Camilo. — Se choça, atrapalha.

— Outro que à última hora quis impressionar o eleitorado foi o Presidente da República. Convidou até para jantar o sr. Mário Soares, como quem diz: «Este é o delfim, meu muito amado, da copa e cozinha». Saiu-lhe a chita pelo avesso.

— Tinham preparado a boda, não nos iludamos. Até os proclamas já estavam redigidos e o serviço encomendado. Ainda bem que o povo enxotou a passarada e salvou os bagos.

— O amigo Anastácio — provocou o Camilo — não tem nenhuma para nos contar?

— O melhor gancho das eleições foi a desculpa do Cunhal. Com a vitória da «Aliança Democrática», o que fez? Contesrou o resultado das urnas, pois, segundo Sua Senhoria, os 7 deputados eleitos pelos Açores e pela Madeira seriam deputados do Partido Social-Democrata — e não da Aliança. Por conseguinte, esses 7 não podiam ser somados.

— O Álvaro é de lascar: na sua aritmética, o conjunto não é a reunião das partes. Até nem sei por que não defendeu apenas a contagem dos votos comunistas. Os outros seriam nulos por falta da foice e do martelo. Era mais prático.

— Viram a esperteza do partido? Nestas eleições escondeu entre as fasquias o símbolo e a cor. Dizem até que em Braga, onde foi eleito pela primeira vez um deputado comunista, muitos votaram na A.P.U. sem saber ao certo o que estava dentro da canastra. Os minhotos comeram gato por lebre. Confundiram o capote do cossaco com a batina do prior.

— Oha que o mais provável foi recolher os despójos dos socialistas. Quando o partido do sr. Soares se espatifou, os «submarinos» foram para o lugar certo.

— Caramba! As vitórias, ao contrário dos revezes, não precisam ser explicadas — enfatizou o Amadeu. Este País voltou a pisar o terreno da esperança.

— Bebamos, rapazes, que Portugal venceu! — e o Marquês de Melres, de pé, encheu as taças com o espumante.